

Amor de velho

A ida para o lar foi particularmente marcante para mim. Primeiro porque marcou uma etapa na minha vida, uma etapa geralmente associada àquele que é o fim das vidas, e em segundo porque levava comigo a minha esposa, de há cinquenta dois anos.

Foi no dia sete de fevereiro de dois mil e vinte. A primavera avizinhava-se e tomamos esta grande decisão. Primeiro porque sempre criámos os nossos filhos de forma a que fossem totalmente independentes e não queríamos que o deixassem de ser por nossa causa – seria contraditório. Por isso, num dia à noite, quando nos apercebemos de que nos começava a custar deitar na cama, que as pernas já não levantavam com tanta facilidade e que os nossos pescoços não rodavam o suficiente para podermos olhar um para o outro até adormecermos, tomámos esta decisão. Foi uma decisão unânime, mas que aos olhos dos nossos filhos pareceu uma enorme loucura.

-Vocês vão os dois para um lar? Assim do nada? E a tua casa, os teus animais?

Na altura ri-me, calmo e seguro de que era mesmo isto que nós os dois queríamos fazer. O coração palpitava por dentro, mas mantive a postura e entreguei-me àquele sentimento de liberdade do qual já tinha saudades. Entreguei-me ao não saber o que aí vinha, ao nem sequer conseguir imaginar qual seria o meu futuro. Foi sempre isso que me moveu e cativou durante toda a minha vida: o incontrolável, o inesperado.

Fora assim desde que me lembro. Fugi de casa aos dezassete e quando dei por mim estava num navio na Noruega, à pesca de nem sei o quê. Voltei aos vinte, quando todos já achavam que estava morto e enterrado algures numas dessas terras remotas que para aí se veem. Voltei, mas apressei-me a mostrar que tinha ganho uns bons escudos, não fossem eles deserdarem-me mal vissem que eu estava vivíssimo. Mas para que ficassem completamente convencidos e batessem no peito cada vez que falassem de mim à vizinha, paguei uma jantarada como nunca os meus pais tinham provado. E vá, como há sempre lugar para mais dois ou três, convidei a freguesia toda. Quando dei por mim tinha gasto o dinheiro todo da Noruega... o que importa é que enchi a barriga àqueles esfomeados e Deus olha é às boas ações, não é? Fiquei sem dinheiro e com uma herança rasca, mais tarde percebi. Se não tivessem sido os meus esquemas de venda de instrumentos musicais em segunda mão, não sei como é que tinha alimentado as três crianças que a Júlia me deu.

Mas enfim...era deste risco que nós estávamos a precisar, de largar tudo sem olhar para trás. No entanto, os meus filhos continuavam a insistir e insistir. Chatos, caramba.

-Pai, isto não faz sentido absolutamente nenhum. Estás a enlouquecer e... - não ouvi o resto. O problema de instruímos os nossos filhos é que eles acabam o percurso escolar com uma capacidade de argumentação dos diabos.

O que é certo é que aqueles marmanjos conseguiram pôr a minha esposa de tal modo insegura que, numa noite chuvosa quando já estávamos deitados, ela me perguntou numa voz trémula se era mesmo boa ideia, se eles não teriam razão. E um homem, por mais cabeça de vento que seja, não fica indiferente a uns olhos azuis brilhantes, ainda que as pálpebras descaídas teimem em tapá-los cada vez mais.

-Oh minha Ju, então tu não confias em mim?

-Ora se não confio... é só que... tu sabes que eu tenho um bocado de medo nestas coisas. – disse, por fim, numa voz que parecia a de um passarinho amedrontado.

-Então confia, Ju, confia.

E toquei-lhe na mão trémula, enrugada pela vida, apertando-a com o jeito de quem aperta uma mão de uma senhora que já passou dos oitenta anos.

Víamos para o lar juntinhos e estávamos tão felizes. Quentinhos, asseados, as meninas aqui são muito meigas e têm tempo para nos ouvir. E já para não falar que encontrei aqui os meus amigos de infância, isto era uma borga. Jogávamos às cartas, íamos para o pátio criticar o jardineiro (que fez a poda demasiado tarde), e ainda discutíamos política. A minha Júlia lá andava com as amigas, a tentar mexericar a vida das que ainda não chegaram cá e, nas pausas disto tudo, fazia crochet.

Isto, antes do bicho chegar. E chegou um bicho ruim, devo dizer. Se fosse uma praga de pulgas era bem fácil: quatro litros de vinagre para dois de água. Mas dizem que este anda pelo ar, eu nunca vi tal coisa. Dizem que se chama coronavírus.

Agora a situação... está bem mais triste. Mais escura, com menos cantorias à mistura. Todos fugidos uns dos outros com medo que a ruindade nos entre pelo nariz dentro e nos apanhe. Principalmente porque a ruindade já aqui chegou, e... apanhou a minha Júlia.

- Senhor João, sente-se aqui que quero conversar consigo. – disse-me uma das meninas, na altura, enquanto me ajeitava o colarinho da camisa – Você sabe que a sua esposa estava com dores de cabeça e que tinha de ser testada, não é?

Não quis ouvir mais nada.

-Arranje-me um pedaço de papel e uma caneta, se faz favor. De preferência uma de tinta preta, que as outras são muito claras e eu vejo mal – disse, quando percebi o que aí vinha.

A moça devia estar à espera que eu começasse a chorar ou a gritar pela minha Ju, porque ficou a olhar para mim como se eu fosse maluco.

-É para escrever uma carta. – Esclareci.

E comecei a escrever, com a caligrafia mais arranjadinha que consegui fazer.

‘‘ Querida Júlia,

As meninas disseram-me agora que estás positiva, mas eu já me tinha apercebido que alguma coisa se passava... não senti o cheiro do teu perfume quando passei na tua casa de banho. Depois também não te vi na varanda a rezar, como fazes todas as manhãs. Quando cheguei à sala de convívio tive a certeza: o teu novelo azul estava pousado na mesa, sem ti por perto.

Oh minha Ju, as saudades que eu já tenho dos momentos em que o teu olhar sereno pousa no meu, e me acalma. Ou quando me olhas enquanto te ris com as tuas amigas e me dizes telepaticamente que virmos para o lar, para a nossa última casa, foi a decisão certa.

No fundo, tu sabes que eu nunca te incentivaria a fazer nada que não te fizesse bem. O teu lugar é no mundo, livre e com gargalhadas à tua volta; não é presa dentro de quatro paredes caiadas e antigas, onde as únicas gargalhadas são as minhas, neste meu timbre tão grave e tão bruto que nunca condisse com o teu, sempre tão meigo. O teu lugar é num sítio onde te possam ajeitar os cobertores e aquecer-te os pés; e tu sabes que eu já não o conseguia fazer com estas costas empenadas. O teu lugar é onde te possam levar o pequeno almoço à cama no dia do teu aniversário, e tu sabes que eu sufocava só com o simples facto de subir as escadas lá de casa, quanto mais a carregar o tabuleiro da comida.

Estes jovens de hoje em dia não sabem, mas os velhos também amam. Pensam que amar é só dar beijos, presentes caros, ou oferecer buquês de flores de nomes completamente desconhecidos para eles. Diz-me, minha Júlia, há alguma coisa mais romântica que te dar a mão enquanto adormeces? Ou haverá gesto mais bonito que dar uma flor que é fruto do nosso empenho, do nosso jardim? Conheces algo mais mágico que ter filhos, fruto de uma paixão tão grande como a nossa?

Tu vais ficar bem, meu amor. Eu sei que vais. Confio plenamente na tua capacidade de superação, e também acredito muito em Deus, que Ele não nos desampare nesta hora tão delicada.

Vê se pões a máscara a cobrir o nariz, está bem? Por vezes via-te com a pontinha do nariz de fora e isso não é seguro. Não me interpretes mal, o teu narizinho arrebitado é muito fofinho. Espero voltar a poder vê-lo em breve, sem pedaços de pano a tapá-lo. Sabes como gosto dele.

Olha, as meninas estão a chamar-me. Depois conto-te os pormenores, mas ficaram chocadas quando lhes disse que ia escrever uma carta, perguntaram se não queriam escrever-te antes uma mensagem. Achei melhor não, que tu não consegues ver bem as letrinhas pequeninas. E fiz letra enorme para ver se não tens dificuldade a ler.

Vou enviar-te pelas meninas o teu livro de orações, que eu sei que nunca te lembras de o levar quando saís.

Beijava-te outra vez na festa de S. José, ainda que causasse o mesmo escândalo que causou quando tínhamos dezasseis anos. Ainda que tivesse de levar a mesma coça que levei na altura, mal cheguei a casa. Calarão tudo, menos o meu amor por ti.

Aqui tens as minhas palavras de amor...

Amo-te, minha Ju.

Até já,

João.

Hoje percebo que a Júlia é o grande amor da minha vida. Mas mais do que isso, a Júlia é o grande amor que eu escolhi para a vida. Começou por uma “coisa de adolescente”, tornou-se uma paixão avassaladora, passou para um amor companheiro e agora... agora é amor de velho.

Ainda que a idade pese e faça com que estas pernas andem devagarinho, ainda que os olhos vejam mal, ainda que a voz me falhe ou o coração me pregue partidas, eu sei que o amor existirá sempre...porque ele mora na alma.